

Zika e microcefalia no *Fantástico* e *Jornal Nacional*¹

Janine CARDOSO²

Juliana CÂMARA³

Paula FIORITO⁴

Instituto de Informação Científica e Tecnológica/Fundação Oswaldo Cruz

Resumo

Este trabalho discute a produção jornalística sobre a epidemia de zika e microcefalia, a partir da análise de matérias do *Jornal Nacional (JN)* e *Fantástico*, ambos da Rede Globo de Televisão, e veiculadas em fevereiro de 2016. Tendo por referência teórico-metodológica a análise de discursos sociais e interessadas em como as doenças foram relacionadas com as desigualdades sociais e de gênero, selecionamos matérias que trazem depoimentos de grávidas e mães de crianças com microcefalia. A análise evidenciou a ênfase no acompanhamento das pesquisas e o silenciamento das condições sociais que permitem a reprodução do *Aedes aegypti*, assim como o fato da microcefalia ter atingido principalmente bebês de mulheres pobres do nordeste brasileiro. Coube ao *Fantástico* a maior carga dramática, mantendo o *JN* o registro referencial.

Palavras-chave: telejornalismo; epidemias; zika; *Aedes aegypti*.

Introdução

Além das frequentes epidemias de dengue, a partir de 2014, o Brasil passou a conviver com a chicungunha e, um ano mais tarde, também com a zika, doenças que têm como principal transmissor o mosquito *Aedes aegypti*. Como ocorreu há pouco mais de 30 anos com a dengue, a princípio, a zika foi considerada benigna e mais branda que sua sucessora.

As primeiras notícias de que centenas de pessoas estavam sendo atingidas por uma doença misteriosa, causadora de febre alta, dores musculares e oculares além de manchas vermelhas pelo corpo e coceira intensa, no nordeste do Brasil, surgiram em fins de março de 2015 e se intensificaram nos meses seguintes. Após a confirmação da circulação do vírus em território nacional, em maio, o Ministério da Saúde reforçou a evolução benigna da doença, o que justifica não tornar sua notificação obrigatória. A prevenção seguiria no combate ao vetor *Aedes aegypti*, com o objetivo de eliminar criadouros do mosquito já bastante conhecido pela população brasileira. Da mesma forma, o tratamento de doentes de zika era o usualmente empregado a dengue clássica: repouso e hidratação (AGUIAR,

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

²Docente do Programa de Pós Graduação em Informação e Comunicação e Saúde.

³Mestranda do Programa de Pós Graduação em Informação e Comunicação e Saúde.

⁴Mestranda do Programa de Pós Graduação em Informação e Comunicação e Saúde.

ARAÚJO, 2016).

O aumento significativo dos casos de microcefalia em crianças nascidas em Pernambuco, fez com que o Ministério da Saúde (MS) declarasse Emergência Sanitária de Importância Nacional, em 11 de novembro. No dia seguinte, foi divulgada a confirmação da epidemia de microcefalia.

No dia 29 de novembro, o MS confirmou a relação do zika vírus com a microcefalia. Até então, mesmo com epidemias de zika em Yap (2007), na Micronésia, e na Polinésia Francesa (2013), não havia registros de maior gravidade (VALE, NACIF, AGUIAR, 2016). Além disso, era a primeira vez que a zika se manifestava em um país de dimensões continentais como o Brasil e que, em breve, receberia milhares de pessoas do mundo inteiro para as Olimpíadas de 2016.

A inédita associação transmutou o vírus de transmissor de mais uma virose benigna para agente de malformações cerebrais intrauterinas e complicações neurológicas em adultos. Embora a ocorrência de casos tenha diminuído em 2017 e a confirmação de casos suspeitos notificados nos anos anteriores ainda esteja em curso, a gravidade da situação, aliada ao desconhecimento científico, continua bastante significativa. Passamos a conviver com o risco de uma tríplice epidemia, cujos contornos não estavam e não estão estabelecidos; as formas de transmissão do vírus continuam em investigação; a abrangência e as modalidades dos comprometimentos neurológicos são incertas: fala-se hoje em síndrome congênita de zika, não apenas de microcefalia e há possibilidade de surgimento tardio de alterações neurológicas.

Este curto retrospecto não se detém na gravidade do problema de saúde pública. Como é próprio de nosso cotidiano, a maior parte do que sabemos sobre o que vai pelo mundo nos chega pela mídia, especialmente pelos discursos jornalísticos. Uma das principais instâncias de circulação de sentidos e, portanto, de interpretação do mundo, o estudo do jornalismo revela-se central também para o campo da saúde e para as políticas públicas a ela relacionadas (LERNER, SACRAMENTO, 2014). A emergência da epidemia de zika e sua relação com a de microcefalia é um dos mais recentes eventos que atesta essa evidência: a partir de novembro de 2015, a população foi informada diariamente e praticamente em tempo real, por jornais, rádios, sites, mídias sociais, *Whatsapp*, canais de TV, em meio à inúmeras controvérsias, rumores e boatos (GARCIA, 2017).

A despeito das credenciais de objetividade e de critérios de noticiabilidade,

sabemos que, como qualquer narrativa, as notícias e reportagens não nos apresentam a “realidade em si”, mas uma realidade outra, moldada segundo determinadas regras, contextos e condições sociais de produção. Estudos dedicados à produção noticiosa sobre epidemias têm destacado a tênue fronteira entre a informação e o pânico (MACIEL-LIMA, 2015; MALINVERNI, 2017), o predomínio de dados estatísticos, muitas vezes descontextualizados, e pouco espaço para o contraditório (MEDEIROS, MASSARANI, 2011). Entre eles, há também os que enfatizam como a cultura do risco na qual estamos imersos universaliza a sensação de insegurança e a figura da vítima virtual, ao mesmo tempo em que faz desaparecer as desigualdades sociais dos esquemas explicativos (CARDOSO, 2012; VAZ e CARDOSO, 2014).

Este trabalho busca contribuir para a compreensão das narrativas jornalísticas sobre epidemias, considerando o papel estruturante que desempenham nos sentidos que lhes são atribuídos, tanto pelo que mostram, quanto pelo que silenciam. A pesquisa integra as iniciativas do Observatório Saúde na Mídia/Laces/Icict/Fiocruz, em especial, as que se dedicam à produção telejornalística sobre eventos epidêmicos. Por um lado, dialoga com resultados de suas pesquisas⁵, em particular as relacionadas à dengue e ao *Aedes*, e, por outro, constitui um exercício exploratório de duas pesquisas de mestrado recém iniciadas e que têm em comum a epidemia de zika, suas relações com as questões de gênero, desigualdades sociais e as narrativas telejornalísticas: uma abordando o *Fantástico*, outra o *Jornal Nacional* e o *Repórter Brasil*.⁶

Dois critérios básicos definiram nosso *corpus*: o mês de fevereiro de 2016, pico noticioso sobre o tema nos dois programas, e matérias que apresentassem depoimentos de mães de crianças com microcefalia e de mulheres grávidas. A pesquisa foi feita no site Globo Play, nas quais encontramos cinco matérias: quatro do *JN*, totalizando 10’21”⁷, e uma do *Fantástico*, com 8’03” de duração.

Jornal Nacional

A despeito das múltiplas áreas e gêneros em que atua, o jornalismo sempre foi um dos campos prioritários da Rede Globo e, rapidamente, tornou-se expressão do poder e

⁵ Cf. Cardoso, 2012; Cardoso et al, 2014, 2015; Garcia, 2017.

⁶ Devido às mudanças na disponibilização do acervo de notícias no site, não foi possível incluir este último telejornal no presente estudo. Em fins de 2016, o acervo era organizado pelas diferentes edições do Repórter Brasil, a da tarde e a da noite) e por data. E, em cada edição, havia uma lista de títulos de matérias, com os respectivos links. Em 2017, não há mais a distinção entre as edições e as tentativas de mapeamento apresentaram várias inconsistências. Não se descarta a possibilidade de terem sido problemas momentâneos. Cf. <http://reporterbrasil.org.br/>

⁷<https://globoplay.globo.com/v/4818185/programa/>; <https://globoplay.globo.com/v/4826808/programa/>; <https://globoplay.globo.com/v/4826821/programa/>; <https://globoplay.globo.com/v/4846259/programa/>

prestígio da principal rede de TV brasileira. Dentre os muitos produtos que passaram por sua programação e os que se mantêm em sua grade atual, o *Jornal Nacional* segue sendo o mais importante telejornal da emissora e do país. Mesmo com o aumento da concorrência, o *JN* continua líder de audiência no horário, referência do telejornalismo e detentor de grande influência na vida nacional.

As quatro reportagens selecionadas possuem aproximações e distanciamentos. As três primeiras foram exibidas na terceira semana de fevereiro – sendo duas delas no mesmo dia, 19/02. A última foi ao ar na semana seguinte. Cronologicamente, são intituladas no site do telejornal como “OMS aprova uso de mosquitos esterilizados com radiação” (16/2 – 2’58’’); “Médicos de três estados fazem mutirão para examinar bebês com microcefalia” e “Exame para confirmar zika não é coberto por vários planos de saúde” (19/02 – 1’43” e 2’56’’); “Mães de bebês com microcefalia criam grupo no Recife para se ajudarem com nova rotina” (27/02 – 2’44’’). Com exceção da matéria sobre os planos de saúde, todas se passam em Recife e têm chamada de âncoras mulheres, Renata Vasconcelos e Giuliana Morrone.

As estratégias narrativas empregadas, no entanto, são diversificadas. A primeira reportagem dedica a maior parte de seus quase 3’ ao caso do casal de gêmeos, Edson e Melissa, nascidos na região metropolitana do Recife, em Pernambuco, que, nas palavras da apresentadora Renata Vasconcelos, “acrescentou novas dúvidas sobre o vírus da zika”: a mãe teve os sintomas da doença durante a gestação e a menina nasceu com microcefalia, enquanto o irmão não manifestou a doença. A aprovação da Organização Mundial da Saúde (OMS) para o uso dos mosquitos esterilizados com radiação no combate ao *Aedes aegypti* surge já no meio da narrativa, encadeada com as vozes oficiais das médicas que investigam o caso dos bebês, como veremos adiante.

A matéria inicia já no ambiente doméstico, com *off* do repórter Bruno Fontes, cobrindo imagens dos bebês dormindo e sendo observados pela mãe em um quarto de casa. As crianças são nomeadas logo no começo, embora o protagonista da reportagem não seja a experiência da doença dos bebês para a família ou as questões que a microcefalia traz para o desenvolvimento da menina, mas o novo elemento de dúvidas que seu caso constitui, em meio a um conjunto de incertezas que a emergência de saúde já representava.

A segunda informação que recebemos sobre a família é onde ela vive: um pequeno desenho do mapa do Estado de Pernambuco surge no alto da imagem de abertura para

situar São Lourenço da Mata. Não há qualquer menção, no entanto, sobre as condições sociais do local: é uma área periférica, mais pobre? O que nos informa sobre a situação de pobreza da família são as imagens internas da casa. E esta é uma constante na reportagem. O tempo todo, a pobreza é mostrada, mas não nomeada, problematizada ou contextualizada, o que já foi destacado como característica da cobertura do telejornal sobre a epidemia de dengue de 2008 (CARDOSO, 2012).

Cassiana Severina, a mãe, aparece desde o início, mas só é nomeada quando sua entrevista entra no VT, aos 30''. Um plano fechado antecede seu depoimento: “No começo eu não aceitei bem não, *visse?* Meu marido foi mais que me apoiou. Ele sempre dizia que nossa filhinha é perfeita, não tinha nada”, conta Cassiana. Apesar da referência da mãe ao esposo, o pai dos gêmeos só aparece no vídeo momentos depois, durante a passagem do repórter, que é feita ao lado dos pais. Seu único depoimento entra no fim do VT, o que pode sugerir uma indicação de que a figura masculina é presente, porém secundária quando comparada à feminina, na experiência da microcefalia na vida familiar.

Cabe ao repórter deslocar o foco do relato da mãe, descrevendo os sintomas de zika durante a gestação de Cassiana que, ao retornar, fala sobre o encadeamento dos fatos relacionados à doença. O que vemos em seguida é um infográfico explicando que os bebês foram gerados em placentas diferentes. O dispositivo pedagógico é reforçado pela sonora das duas médicas que acompanham o caso de Melissa e Edson, agora, já no ambiente clínico, sem a presença dos gêmeos ou seus pais. Os depoimentos das profissionais reforçam que o caso dos irmãos é um novo elemento de incerteza sobre a relação entre o zika vírus e a microcefalia em meio à epidemia. Sem respostas científicas, elas fornecem detalhes técnicos sobre as dúvidas, baseadas no conhecimento biomédico, e se centram nos procedimentos da investigação.

O lugar autorizado das vozes médicas é reforçado pelo encadeamento de suas sonoras com as informações de que a OMS recomendou aos países afetados pelo surto da zika que combatam o vetor da doença e fez sugestões para o controle do inseto. É quando sabemos que a agência destacou os bons resultados do uso do mosquito geneticamente modificado, indicando mais estudos sobre o mesmo. E citou o uso de novas técnicas, como a esterilização do *Aedes aegypti* por radiação. Todas as imagens que cobrem o texto sobre as recomendações e sugestões da OMS são do documento publicado, com trechos em destaque, além de máquinas de laboratório e uma placa indicando perigo por uso de

materiais radioativos. Não há uma entrevista ou referência a qualquer porta-voz ou especialista. A única referência aos riscos envolvidos no uso da técnica é a sinalização na placa. A reportagem não coloca em questão um tema tão controverso.

Por fim, uma sonora de Cassiana encerra o VT, deslocando a conexão proposta ao público via interesse de toda a sociedade nos achados científicos do que aconteceu com Edson e Melissa para a emoção: “Se depender do amor, ela vai ficar boa”.

Na primeira reportagem do dia 19/02, da fala inicial de Renata Vasconcelos até o fim da reportagem, fica claro que o principal tema é o esforço dos médicos em sistematizar características clínicas dos bebês com microcefalia em decorrência do zika. É também o repórter Bruno Fontes, de Recife, que conta esta história.

O *off* de Fontes narra exatamente o que as imagens mostram, em efeito de redundância pedagógica: um grupo de geneticistas avaliam bebês que apresentam a síndrome, ora examinando, ora conversando com as mães. As poucas imagens em close são das cabeças pequeninas dos bebês, sem que seus rostos sejam mostrados. Todas as mães aparecem no contexto do cuidado, ou sendo atendidas ou no que parece ser um momento de espera, sempre com os filhos no colo. Não há imagens de homens, vemos apenas mulheres. E todas elas são negras. Característica revelada pela câmera, mas não mencionada no texto, ficando ainda mais diluída no contexto hospitalar, que não fornece elementos imagéticos sobre condições de pobreza das famílias.

As sonoras de dois médicos se intercalam com a passagem do repórter, cujos conteúdos fornecem detalhes do trabalho dos profissionais e seus objetivos. A primeira sonora é de João Pina, chefe de Genética do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, em São Paulo, escolha que parece garantir o destaque à autoridade de um especialista em posição de chefia que, além disso, é de um estado que não estava no centro da emergência, o que pode sugerir um esforço coordenado com os melhores profissionais do país, para responder à urgência da situação. Sua fala explica os motivos do mutirão de médicos e o repórter complementa com detalhes. A seguir, uma médica, não creditada no vídeo, reforça, mais uma vez, a importância dos estudos clínicos.

É quando conhecemos João Guilherme. Embora ele e sua mãe apareçam em diversas imagens de contexto mostradas anteriormente, neste momento, ele é apresentado. De costas para o vídeo, no colo da mulher, o tamanho de sua cabeça, bem menor que o padrão, chama atenção. Pela narração de Fontes, ficamos sabendo que o bebê havia nascido há três meses com microcefalia e, duas semanas antes da reportagem, havia

passado por uma cirurgia, pois apresentou hidrocefalia. O texto em *off* para explicar a condição é ilustrado por um infográfico animado, mostrando o crescimento da cabeça do bebê pelo acúmulo de água. O uso do recurso reforça, mais uma vez, a indicação de que, nem João Guilherme, nem nenhum dos outros bebês que aparecem anteriormente, são protagonistas desta história. Na reportagem do *Jornal Nacional*, este papel cabe à ciência e a seus esforços para entender o que estava acontecendo. A mãe do bebê, que não é nomeada, faz sua única fala, para encerrar a matéria. Embora fale no plural, apenas ela aparece no VT cuidando de João Guilherme. “Estamos apreensivos, né? Nós fomos pegos de surpresa. Reconheço para você que está uma barra difícil de enfrentar”, desabafa. Apesar de curta e única, a voz da mãe de João Guilherme contrasta com o restante da reportagem e desloca rapidamente o enfoque da narrativa dos esforços médicos para o drama que a microcefalia representa para as famílias atingidas pela doença.

A outra matéria do dia mostra a experiência de uma gestante que não conseguiu realizar o exame, embora tenha apresentado sintomas de contaminação pelo vírus, porque o teste não era coberto por sua seguradora. Se nas outras reportagens que compõem a presente análise a dimensão do direito à saúde é ausente, nesta, o direito do consumidor está em destaque. Neste caso, os papéis se invertem: William Bonner é o âncora que introduz o VT, conduzido por Lilia Teles.

Logo na abertura da reportagem, em *off*, a repórter apresenta Julia, gestante de 16 semanas e que, um mês antes, havia apresentado os sintomas da zika. O cenário é distinto das outras reportagens: Julia caminha pelo corredor de um centro comercial. A escolha da locação, as formas de falar e o próprio crédito de Júlia, empresária, somadas ao tema plano de saúde, indicam que ela é uma mulher de classe média. Após o relato dos sintomas, a repórter faz a transição em *off* para o problema enfrentado pela cliente com o plano de saúde: “Júlia tem plano de saúde, mas não conseguiu descobrir se era mesmo a doença”.

A construção do texto, que destaca a contradição entre ter o seguro de saúde e não conseguir fazer o exame, deixa clara a lógica de que quem paga tem direito. Não há qualquer informação sobre a disponibilidade do teste na rede pública, mesmo quando a personagem afirma que não teria condições de realizar o exame particular: “Fui na emergência do plano, eles fizeram o exame de dengue e o hemograma completo, mas eles não faziam o exame de zika lá. Aí, eu procurei o laboratório, mas era muito caro, R\$ 826, se não me engano”.

Uma frase curta do texto da repórter destaca a angústia da dúvida para a gestante. Lilia Teles faz sua passagem na rua, no Rio de Janeiro, onde, deduz-se, Julia vive. A repórter afirma que o problema tem se repetido em todo Brasil. Para fins de análise, chama atenção que as três outras matérias que compõem o presente trabalho mostram mães de bebês nascidos com microcefalia que vivem em clara situação de pobreza e no Nordeste do país, o que contrasta com a afirmação de Lilia, feita no Sudeste, sobre a extensão, em nível nacional, dos problemas enfrentados pelos usuários de planos no contexto da epidemia.

A repórter explica que a Agência Nacional de Saúde (ANS) obrigou os planos a realizarem testes de dengue e chicungunha, mas a determinação não vale para o zika. Cenas de Lilia telefonando para três seguradoras para pesquisar sobre a oferta do teste reforçam a estratégia narrativa que costuma ser adotada em reportagens que investigam violações de direitos e/ou irregularidades por parte de empresas ou governos. Mais uma vez, fica reafirmada a preocupação com o direito do consumidor. A noção é corroborada pela informação de que a Proteste, Associação Brasileira de Defesa do Consumidor, pediu à ANS que exija das operadoras de saúde a obrigatoriedade do teste para detecção do vírus zika, seguida de entrevista de uma porta-voz da associação. Lilia Teles relata que o *Jornal Nacional* pediu uma resposta à ANS, mas que, nem a agência, nem representantes dos planos quiseram gravar entrevistas e preferiram enviar notas como respostas. Esta afirmação sugere que agência e empresas ficaram com receio de lidar com perguntas controversas.

Percebe-se que as duas matérias do dia 19/02 apresentam estratégias enunciativas bastante diferenciadas. Na primeira, a ênfase é nos esforços de pesquisa em Pernambuco: a presença de João Guilherme e de sua mãe demonstram a gravidade e necessidade da iniciativa, mas não parece comprometer o lugar de objeto que lhe cabe nas duas narrativas. A segunda, que aborda a angústia das mulheres grávidas do ‘país inteiro’ é representada por Júlia. O posicionamento enunciativo do telejornal fica claro, na afirmação do direito do consumidor e na interpelação das autoridades e entidades envolvidas. Há aqui não só o predomínio do direito do consumidor, mas a generalização do risco, pois não há nenhuma referência ao fato de que os casos de microcefalia estavam concentrados no nordeste e, marcadamente, entre as mulheres pobres. O foco na condução da pesquisa, na primeira matéria, por outro lado, prescinde de detalhes da operação para

eliminar a hidrocefalia, pelo Sistema Único de Saúde (SUS), por plano de saúde ou se as necessidades estavam sendo atendidas.

No dia 27 de fevereiro, foi veiculada nossa última matéria, com 2'44" que, no Globo Play, recebeu o título de “Mães de bebês com microcefalia criam grupo no Recife para se ajudarem com nova rotina”. A âncora Giuliana Morrone chama o VT, destacando o aspecto positivo da iniciativa, diante das dificuldades que as mulheres enfrentam em função da condição de seus filhos. Ao contrário das outras reportagens analisadas, as famílias assumem o protagonismo nesta matéria. A história de Jaqueline, mãe de Daniel, de quatro meses e que tem microcefalia, conduz a narrativa.

O VT começa na casa da família em Olinda, região Metropolitana do Recife. A imagem de abertura, do lado de fora, e as que se seguem, dentro do imóvel, revelam a situação de pobreza, embora, mais uma vez, ela não seja nomeada. São 4 horas da manhã e Jaqueline começa a preparar Daniel e seu irmão mais velho para sair. A repórter Beatriz Castro acompanha e narra toda a rotina da casa, enfatizando o esforço e o sacrifício da mãe. Jaqueline sai de casa às 5 horas e deixa o filho mais velho na casa de uma tia. Além dos meninos, a reportagem não mostra uma figura masculina na dinâmica familiar.

A mãe conta que naquela mesma semana havia levado Daniel todos os dias para o atendimento médico. Sua fala anuncia a peregrinação que tem pela frente até chegar ao local. A repórter diz, na passagem, que Jaqueline e o filho pegam três ônibus, e os acompanha pelo caminho que chama de “maratona”. Numa segunda passagem, Beatriz Castro informa que a viagem até a Fundação Altino Ventura, no Recife, um centro de referência no atendimento a bebês com microcefalia, durou duas horas. Jaqueline vai entrando e encontrando outras mães que conhece da convivência no local. A maioria, negras como ela. O texto informa que 143 mulheres frequentam a instituição.

Se a rotina e a fala de Jaqueline deixam claro o impacto da chegada de Daniel em seu dia a dia, são as sonoras da psicóloga e da assistente social do centro de referência que destacam o aspecto emocional da microcefalia para as mães. É quando ficamos sabendo, pela narração em *off*, que, no contexto da convivência constante e em busca de apoio mútuo, elas criaram a UMA – União das Mães de Anjos. Agora, não é mais Jaqueline que fala, mas Germana Soares, mãe do bebê Guilherme, que explica o objetivo da iniciativa: “A intenção é justamente a solidariedade. Um compartilhar experiências, tirar dúvidas, justamente com o convívio com nossos filhos. Então, a gente compartilha com as outras e, assim, a gente vai se ajudando”.

A sonora de Germana reivindica autonomia para o conhecimento gerado pelo convívio e a experiência com as crianças, extrapolando a noção de que é o saber médico que detém o monopólio das respostas para as famílias sobre a microcefalia em decorrência do zika. No fim da matéria, a repórter Beatriz Castro faz sua terceira passagem em que enfatiza a amizade entre as mães e sua capacidade de celebração. Seguem-se imagens de uma mesa de festa, cercada por mães conversando, sorrindo e com seus filhos no colo. Os rostos dos bebês aparecem de frente agora, para posar para a foto do encontro que acontece todos os meses e celebra os aniversariantes. “Se a gente ficar triste, piora tudo, né? Então, a gente tem que ser alegre, divertida, brincar com nossos filhos. Aqui é a nossa família”, afirma Jaqueline, ao lado de Germana e sorrindo. A amiga emenda: “A microcefalia é só um detalhe. Somos felizes, do jeito que a vida nos proporcionou ser”.

A escolha de um aspecto positivo para a pauta sobre o drama da microcefalia, o destaque para as histórias das personagens e a forte presença da repórter no vídeo, sugerindo ainda mais conexão do público com as mulheres retratadas, parecem propor ao telespectador uma identificação por meio da solidariedade e da emoção. É também notável as várias imagens das faces dos bebês, nesse ambiente de confraternização.

Como em outras matérias, mantém-se a centralidade da personagem feminina, exclusivamente no papel materno. Aqui não há presença masculina, mas na primeira matéria, como vimos, embora presente e importante na configuração familiar, o pai e marido se manteve em segundo plano. O segundo elemento presente, mas não destacado, nesta e em outras matérias, é a pobreza. Ambos, a centralidade materna e a pobreza, aparecem como formas culturais naturalizadas, não distintivas da epidemia, nem da vida dessas famílias. Percebe-se que o texto jornalístico é trabalhado para fomentar as emoções e articular “as diferentes vozes que expressam o sistema de crenças e valores da sociedade (e que por sua vez ajudam a recriá-los)”, tanto para os que o produzem, quanto para os que o consomem. (LERNER e GRADELLA, 2011, p. 37)

Fantástico

Exibido nas noites de domingo, o *Fantástico* é um dos mais importantes programas de televisão do país, com seu característico formato de revista eletrônica semanal, cujo vínculo tecido com o telespectador alia informação e entretenimento (GOMES, 2011).

Tadeu Schmidt e Poliana Abritta são os atuais apresentadores do programa, que conta com diversos repórteres e com participações especiais, como a do médico Dráuzio Varella, revezando-se no papel de repórter e especialista.

Zika esteve presente em todas as edições de *Fantástico* em fevereiro de 2016, totalizando 25'48" dedicados ao tema. Entrevistas com médicos, cientistas e vítimas da zika e da microcefalia foram recursos utilizados frequentemente para a abordagem do drama individual e coletivo, em reportagens com duração entre três e dez minutos. Estas são algumas das estratégias para dar novo viés ao que foi exibido durante a semana e várias delas foram acionadas na reportagem que analisamos, exibida no dia 7 de fevereiro de 2016, "Medo do vírus da zika leva mulheres a tomar medidas radicais", com 8'03" de duração.

O VT inicia com a história de três mulheres grávidas: a jornalista Nice Affonso, jornalista; a contadora Vanessa Lopes de Freitas e a administradora Débora Maclennan, todas acompanhadas de seus maridos. As primeiras sequências trazem Nice em exame de ultrassografia morfológica, Vanessa em exame clínico e Débora chegando no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, também com o filho de seis anos. A enunciação carregada de dramaticidade fica presente desde o começo, com os depoimentos emocionados sobre a angústia da incerteza, acentuados pela trilha sonora, alternância de planos abertos, close de expressões e gestos de angústia e conforto.

Abertura Nice Affonso. Em *off*, a voz apreensiva da gestante relata o quanto é impossível não ficar ansiosa com o exame. Ela conta que não dormiu bem na noite anterior e como tem se comportado durante a gestação com relação à ameaça da zika, sempre atenta a manchas no corpo, coceira ou qualquer outro sintoma. "É uma neurose, né?" A música é alternada com o áudio marcado do equipamento de ultrassom. O suspense só termina com o alívio da paciente ao saber que o tamanho da cabeça é compatível com a idade gestacional. Em *off* a pergunta da repórter: "Aliviada?" Com olhos marejados e voz embargada, ela responde em close.

Abertura de Vanessa Lopes de Freitas, em seu o primeiro exame de pré-natal. *Off* da repórter Renata Ceribelli, que logo após, entra em cena para introduzir história da paciente, ainda sentada na maca ao lado do marido. A gestante fala sobre os sintomas da zika, apenas quatro dias após descobrir a gravidez e do diagnóstico positivo da doença dado pelo médico. Enquanto relata seus medos com relação à saúde do bebê, à estrutura necessária para cuidar de uma criança com problemas neurológicos e ao preconceito, Vanessa se emociona e chora ao relatar o medo de que seu filho tenha sido prejudicado pela doença e da esperança de que ele tenha saúde. A entrevista acaba no momento em que a paciente diz que está se apegando ao fato dos sintomas terem sido bem no início e da sua esperança de que o filho tenha saúde.

Abertura de Débora Maclennan. A terceira história tem como cenário o aeroporto, onde chega com o marido, o filho e muitas malas. Ficamos sabendo que passará a gravidez de gêmeos na Argentina, com o filho e a babá; o marido ficará no Brasil. Novamente, a trilha dramática é utilizada sobre imagens do *check-in* e o *off* da

repórter. Munida de malas e ao lado do marido, Débora diz que a viagem terá clima de alívio, por se ver livre “desse pesadelo diário” e tristeza por ficar longe da família. A entrevista se encerra com sua voz em *off*, enquanto as imagens mostram a despedida da família no portão de embarque: “Estou fugindo do mosquito”.

Mas a participação das três personagens não será a mesma: Vanessa não voltará mais à cena. Débora terá mais uma sequência, gravada em sua casa, onde conta que medidas tomou para evitar o contágio da doença, como tirar o filho de seis anos da escola e evitar ao máximo sair de casa: “Tô prisioneira do mosquito”. O fio condutor da narrativa será Nice, presente em diversos momentos durante os oito minutos de edição, sendo intercalada com outras personagens, fontes e as recentes descobertas científicas divulgadas durante a semana. Já na sequência seguinte, são apresentadas cenas gravadas em seu apartamento, intercaladas com as de Débora: imagens de janelas teladas, dispositivos elétricos contra mosquitos, repelentes sendo aplicados no corpo e nas roupas, narradas pela repórter com opções para quem não pode fugir.

“Beirando ao desespero” é como a repórter relata o estado de espírito de ambas e que também serve de gancho para a reprodução da matéria do *Jornal Nacional*, exibida dois dias antes, sobre estudo inédito da Fundação Oswaldo Cruz. Com abertura de William Bonner, a pesquisa revela o potencial de contágio da zika por meio da saliva e da urina. A imagem de Bonner na bancada com um enorme *Aedes aegypti* é seguida de imagens de laboratórios, microscópios e mosquitos. A reportagem assinala que ainda não estão comprovadas essas formas de transmissão, mas que Nice já decidiu evitar o uso de transportes públicos ou qualquer ambiente fechado.

Nice Affonso: Quem me garante que eu não tô num metrô alguém espirra e eu não vou ser contaminada dessa forma? Então, pode parecer uma medida exagerada, porque não tem nada comprovado, mas eu me sinto mais segura dessa forma.

Renata Ceribelli: Que medidas vocês estão tomando, por conta própria, para se sentirem mais seguros?

Nice Affonso: Ele também vai utilizar repelente e além disso a gente tá pensando também na possibilidade da transmissão do vírus pelo sêmen, então nós vamos passar a usar preservativo.

Enquanto Nice declara as medidas de prevenção para ela e para o casal, o marido permanece em cena, mas nada fala, apesar de portar um microfone de lapela.

Note-se que Nice afirma claramente seu desejo por máxima segurança, mesmo sabendo que as novas formas de transmissão não estão confirmadas. Não há contraponto da repórter que, ao contrário, faz nova pergunta sobre – e forma de legitimar as – medidas de autoproteção.

A repórter então chama outra descoberta da semana. O Centro para Controle de Doenças dos Estados Unidos (CDC) recomendou que mulheres grávidas usassem preservativo com pessoas contaminadas pelo vírus da zika. Imagens do CDC e de barrigas de grávidas de mais de cinco meses são alternadas.

“O *pânico* tem levado as gestantes brasileiras a atitudes *extremas*, como procurar este site de uma organização não governamental (ONG) conhecida no mundo inteiro por distribuir medicamentos que provocam o *aborto*” (marcas nossas), a frase dita pela repórter inicia esta nova etapa da reportagem e introduz a entrevista com a porta-voz da organização por videoconferência Letícia Zenezich.

Na entrevista, Letícia conta que o número de *e-mails* de mulheres solicitando orientações ou os medicamentos distribuídos por eles praticamente havia dobrado. Imediatamente após a fala da porta-voz da ONG, o ginecologista Antônio Braga afirma que os abortamentos inseguros são a principal causa de morte materna no Brasil no primeiro trimestre da gravidez, “fazendo com que nosso país apresente vergonhosas e elevadas taxas de mortalidade materna.” Na sequência, imagens de pronunciamento da Organização das Nações Unidas (ONU) pedindo que países afetados pela zika permitissem o aborto em mulheres grávidas de bebês com microcefalia. Com recurso de arte gráfica ostentando um grande *Aedes aegypti* em fundo vermelho, são elencados os três únicos casos em que o aborto é permitido no Brasil.

Após esse esclarecimento, o ginecologista Mauro Arenázio Júnior aconselha as gestantes a manterem a *calma* já que a descoberta ainda é recente (marca nossa). Ele reforça, então, o uso do repelente.

Os termos marcados nos parágrafos acima assinalam a qualificação do aborto como fruto do pânico e do desespero, contrastando com o depoimento dos ginecologistas: um alerta para a insegurança do procedimento que leva à morte de mulheres, outro pede calma e o uso de repelente. Entre eles, a edição posicionou a recomendação do ONU, seguida dos casos em que o aborto é permitido no Brasil, sem nenhuma conexão com a ONG ou com discursos que, no meio médico-sanitário ou nos movimentos feministas, defendem sua descriminalização. O posicionamento enunciativo do telejornal optou pela apresentação factual deste pronunciamento. Sua qualificação também contrasta com os termos ‘extremas’ e ‘radicais’ empregados para as outras medidas apresentadas ao longo da reportagem.

Dados do Ministério da Saúde sobre a microcefalia aparecem em arte, assim como dados sobre as formas de contágio que estão sendo estudadas. Com fundo vermelho e mosquito, e com o acréscimo de um mapa do Brasil, a arte é utilizada como fundo para mostrar os números de nascimento de bebês com microcefalia separando quantos já tinham confirmação da relação com a zika. Os dados, aliás, foram corrigidos no dia seguinte, como informa o site.

Ao fim, intercalados com imagens de mosquitos, gestantes e com sonorização que imprime a dramaticidade do programa, a repórter lembra que as grávidas são as principais vítimas, mas que toda a população deve combater a epidemia. Cabe à Nice o encerramento, imprimindo à sua experiência e a do filho a metáfora da guerra, tão comum nos discursos preventivos:

Nice e o marido, em casa: “É real que a gente está no meio de uma *guerra* e a sensação que eu tenho é que quando o meu filho nascer eu vou olhar para ele e falar: ah, você venceu a guerra. *Você é um sobrevivente*”. A reportagem termina com a imagem da Nice durante o exame, emocionando-se ao som das batidas do coração do bebê. (marcas nossas)

Conclusão

Ao falar em casos, ignoramos histórias e sofrimentos, angústias e desamparos. A epidemia da “síndrome congênita do Zika”, que engloba casos de microcefalia e/ou outras alterações do Sistema Nervoso Central associados à infecção pelo vírus 2, tem geografia e classe no Brasil: são mulheres pobres e nordestinas as principais afetadas pela nova doença. Entre as crianças com sinais indicativos da síndrome congênita do Zika, 72% são filhas de mulheres da Bahia, da Paraíba, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte (DINIZ, 2016).

O estudo do jornalismo é via de acesso para a compreensão de questões do nosso tempo, principalmente quando toma a própria notícia como forma cultural específica (GOMES, 2011), por suas gramáticas, recursos e modos específicos de articular ou silenciar a polifonia social, participando de forma incontestada para manter ou renovar os processos de significação que constroem a realidade social.

Acreditamos ter destacado as principais estratégias utilizadas pelo *Jornal Nacional* e o *Fantástico*. Pode parecer óbvio que a maior carga dramática pertença ao segundo, mas não é bem assim: além da diluição de fronteiras entre informação e entretenimento, em geral, já se demonstrou a alta carga dramática que o *JN* imprimiu à cobertura da epidemia de dengue, em 2008, num tipo bastante específico de politização do evento (CARDOSO, 2012). Não se verificou tal investimento nas matérias analisadas, nem na magnitude da cobertura realizada no período. Entre outros fatos, lembremos que se intensificava a crise política brasileira, iniciada com os resultados eleitorais de 2014.

Nos dois programas, no entanto, há em comum a não problematização da relação

entre a zika e a pobreza e a pasteurização do risco da microcefalia, fazendo esquecer justamente o que nossa epígrafe põe em relevo. O *Jornal Nacional* mostra famílias bastante pobres encarando o drama da doença, mas tal condição é naturalizada: não é nomeada, muito menos indicada a alta concentração de casos nessa parcela da população. As adversidades são apresentadas, mas como contraponto que valoriza a tenacidade e amorosidade das mulheres, pois não há dúvida que cabe principalmente a elas o enfrentamento das dificuldades e o cuidado dos filhos.

A despeito destas singularidades, a epidemia é reforçada como um problema de todo país, lema também das autoridades sanitárias para todas as doenças transmitida pelo *Aedes*. Não há dúvidas quanto a importância da generalização das medidas de prevenção e controle. O problema, social e ético, nos parece ser a equalização do risco, que coloca a todas em uma espécie cruel de igualdade, dissolvendo as extremas desigualdades sociais – regionais, de classe, gênero e raça – que marcam a epidemia.

Por fim, vale uma nota metodológica: analisar as cias no Globo Play não é o mesmo que analisar os programas veiculados pela TV. Entre outros aspectos significativos, temos mudanças não identificadas na edição – como explicitado na matéria abertura da matéria do Fantástico “Esse vídeo foi modificado em sua versão web” –, relacionadas ao outro ambiente comunicacional no qual circula. Esperamos poder nos ater à elas em estudos futuros.

Referências bibliográficas

Fontes primárias

FANTÁSTICO. Mulheres estão tomando medidas radicais para fugir do vírus da zika. Rio de Janeiro, 7/2/2016.

JORNAL NACIONAL. OMS aprova uso de mosquitos esterelizados com radiação. Rio de Janeiro, 16/2/2016,

_____. Médicos de três estados fazem mutirão para examinar bebês com microcefalia. Rio de Janeiro, 19/2/2016

_____. Exame para confirmar zika não é coberto por vários planos de saúde. Rio de Janeiro, 19/2/2016

_____. Mães de bebês com microcefalia criam grupo no Recife para se ajudarem com nova rotina. Rio de Janeiro, 27/2/2016

Fontes secundárias:

AGUIAR, R.; ARAUJO, I.S. A mídia em meio às ‘emergências’ do vírus Zika: questões para o campo da comunicação e saúde. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [S.l.], v. 10, n. 1, mar. 2016. Disponível em:

<<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1088>>. Acesso em: 5 jul. 2017.

CARDOSO, J.M. **Entre vítimas e cidadãos: risco, sofrimento e política nas narrativas do *Jornal Nacional* sobre as epidemias de dengue (1986-2008)**. Tese (Doutorado em

Comunicação). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

_____ et al. **O drama epidêmico midiático no Brasil: um estudo da construção da dengue e H1N1 (2008-2010)**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014. (Projeto de Pesquisa, Edital Universal/CNPq).

_____. **Telejornalismo e saúde: análise da cobertura do *Jornal Nacional* (maio de 2010 a abril 2011)**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015 (Projeto de Pesquisa – Edital PIPDT/Fiocruz).

DINIZ, D. Vírus zika e mulheres. **Cad. Saúde Pública**, v. 32, n.5, mai. 2016. Disponível em: www.scielo.br/pdf/csp/v32n5/1678-4464-csp-32-05-e00046316.pdf Acesso em: 8 mai. 2017

GARCIA, M.P. **Disseram por aí: deu Zika na rede- boatos e produção de sentidos sobre a epidemia de zika e microcefalia nas redes sociais**. Dissertação (Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde). Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

LERNER, K.; SACRAMENTO, I.P. (Orgs.) **Saúde e Jornalismo: interfaces contemporâneas**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014.

MACIEL-LIMA, S. M. et al. A repercussão da gripe A (H1N1) nos jornais paranaenses. **História, ciências, saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.22, n.1, p. 273-291, jan./mar. 2015.

MALINVERNI, C. Uma epizootia, duas notícias: a febre amarela como epidemia e como não epidemia. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [S.l.], v. 11, n. 2, jun. 2017. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/receis/article/view/1339>. Acesso em: 4 jul. 2017.

MEDEIROS, F.N.S.; MASSARANI, L. A cobertura da gripe A(H1N1) 2009 pelo Fantástico. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação São Paulo**, v.34, n.1, p. 41-59, jan./jun. 2011.

VALLE, D.; PIMENTA, D.N.; AGUIAR, R. Zika, dengue e chikungunya: desafios e questões. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 419-422, jun. 2016. Disponível em http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-9742016000200419&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 12 mai.

VAZ, P.; CARDOSO, J. Risco, Sofrimento e Política: a epidemia de dengue no *Jornal Nacional* 2008. In: LERNER, K.; SACRAMENTO, I.P. (Orgs.) **Saúde e Jornalismo: interfaces contemporâneas**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014, p. 165-82.